

## **Changes in the system of demonstrative pronouns: from Latin to contemporary portuguese**

### **Changements dans le système de pronoms démonstratifs: du latin au portugais contemporain**

### **Schimbări în sistemul de pronume demonstrative: de la latină la portugheză contemporană**

### **Mudancas no sistema de demonstrativos: do latim ao português contemporâneo**

**Wirla RODRIGUES**

CAER EA 854 - ED 355 AMU/Programa de pós-graduação em linguística – UFRJ

e-mail: wirla@bol.com.br

**Maria da Conceição PAIVA**

Universidade Federal do Rio de Janeiro

e-mail: paiva@club-internet.fr

#### **Abstract**

*The progress made by the Roman languages around the binarism of the demonstrative system has been different for every language and even if the resources that were used seem to be similar, results are unique. The Portuguese grammars set as standard norm of Portuguese a ternary system of demonstratives but actual use of language in the variety of Brazilian Portuguese, tend to show the existence of a tendency to install a binary system with a neutralization of the opposition between the forms of 1st and 2nd persons. As a possible attempt to restore the dimension of the person in different demonstrative forms, the verification of the use of locative adverbs as a deictic reinforcement has to be taken into account. In other Roman languages this remark is also seen.*

#### **Résumé**

*Le chemin parcouru par les langues romanes vers le binarisme du système des démonstratifs est différent pour chaque langue, et même s'il existe une coïncidence dans les ressources utilisées, les résultats sont spécifiques. Les grammaires portugaises présentent comme norme standard du portugais, un système ternaire de démonstratifs, mais l'usage effectif de la langue, dans la variété du portugais du Brésil, montre qu'il y a une tendance à l'établissement d'un système binaire avec une neutralisation de l'opposition entre les formes de 1ère et 2ème personne. La dimension de la personne peut être restaurée au sein des différentes constructions démonstratives par des adverbess locatifs utilisés comme renfort déictique. Cela est observé dans d'autres langues romanes.*

#### **Rezumat**

*Drumul parcurs spre sistemul binar al demonstrativului este diferit de la o limbă romanică la alta și, chiar dacă există o coincidență în resursele utilizate, rezultatele sunt diferite. Gramaticile prezintă drept normă pentru varianta standard de limbă portugheză un sistem ternar al demonstrativului, dar uzul efectiv al limbii, în varietatea portughezei din Brazilia, probează faptul*

*că tinde să se impună un sistem binar marcat de o neutralizare a opoziției între formele de persoana I și a II-a. Dimensiunea persoanei poate fi restaurată în cadrul diferitelor construcții demonstrative prin adverbe locative întrebuințate ca întărire deictică. E ceea ce se poate observa și în alte limbi romanice.*

**Key words:** *Demonstrative pronouns, space, change, representation in language*

**Mots clés:** *pronoms démonstratifs, espace, changement, représentation sémiologique*

**Cuvinte cheie:** *pronume demonstrative, spațiu, schimbare, reprezentare semiologică*

## 1. Introdução

As origens do português remontam ao latim falado na Península Ibérica, enriquecido pela influência de outras línguas, como o galego, o árabe, o provençal, entre outras. O sistema contemporâneo é resultado de modificações e reorganizações que, a partir do século XVI, ganharam configuração distinta nas diferentes regiões onde esta língua é falada. Neste artigo, focalizamos um desses processos de reorganização, mais especificamente o que envolve o sistema de pronomes demonstrativos, na variedade brasileira. Embora as gramáticas do português apresentem como norma um sistema ternário de demonstrativos, no uso efetivo da língua, atesta-se, numa primeira etapa, uma tendência para um sistema binário e, numa segunda etapa, um processo de recuperação de distinções neutralizadas, através do reforço dos demonstrativos pela adjunção dos advérbios locativos.

O nosso objetivo é mostrar que esta reorganização se insere numa deriva mais geral das línguas românicas e que remonta ao latim, qual seja, a de obscurecer distinções baseadas na dimensão espacial para dar maior relevo à dimensão pessoa. Para tanto, tomamos como ponto de partida, o sistema de demonstrativos do latim e tecemos algumas considerações sobre a forma como este sistema inicial se desenvolveu nas diferentes línguas românicas, em especial no italiano, francês e português. Mostramos que, historicamente atesta-se um movimento evolutivo regular de concepção da pessoa e de seu espaço, que visa primeiramente, do latim às línguas românicas, reduzir as variedades de espaço possíveis. Em seguida, abordamos mais detidamente a neutralização de oposições de pessoa no sistema tradicional dos demonstrativos no português brasileiro, e a recuperação de distinções através das formas demonstrativas reforçadas. A utilização dos advérbios locativos como reforço dêitico é uma possível tentativa de restauração da dimensão pessoa como traço distintivo das diferentes formas demonstrativas, assim como ocorreu em outras línguas da mesma família.

## 2. Expansão do Latim

No início do séc. IV, a. C., Roma é saqueada pelo chefe gaulês Brennus que a deixou quase que completamente destruída. A cidade se resumiu a uma pequena vila entre os Montes Albain e o mar, sem nenhuma importância no mundo mediterrâneo. No fim do séc. IV, a. C., os geógrafos gregos chegaram a pensar que Roma era uma vila grega. Um engano que ilustra o pouco caso que faziam de Roma e de sua língua, o latim. Para os gregos, as outras línguas faladas na Itália eram mais importantes, pois eram faladas por povos mais poderosos que os das cidades da confederação latina. A lembrar que o Latim, falado no centro da península, do Tibre até Roma, pode ser incluído no grupo itálico do indo-europeu [1], do qual faziam parte ainda o osco, língua aproximada do Volscio e dos dialetos sabélicos, falada na parte Sul da Península, e o umbro, que se estendia ao nordeste, línguas relativamente parecidas com o latim. O latim era a língua dos habitantes do Latium, mas, segundo Silva Neto [2], é interessante notar a miscelânea de idiomas que contribuíram para a sua formação e evolução.

Embora os geógrafos gregos não tivessem percebido, Roma já havia começado, ainda no séc. V a. C., a se formar como uma futura potência. Mais tarde, com o intuito de garantir a estabilidade política, consolidar seu império e difundir sua cultura, os romanos precisavam

romanizar as regiões conquistadas, ou seja, transmitir a sua civilização aos habitantes. Tendo em mente que essa romanização ocorreu sobretudo no Ocidente, uma vez que o Oriente já havia aderido à cultura helenística, o Ocidente recebeu (dos romanos), além da cultura, da religião e do direito romano, a língua latina. Foi a partir desse processo que o latim se torna a base para o desenvolvimento das diversas línguas românicas, dentre elas o português, numa parte da Península Ibérica.

O período de romanização durou vários séculos e, enquanto alguns povos foram latinizados desde o séc. III a. C., outros o foram mais tardiamente, somente no século I da era cristã, o que teria favorecido uma diversificação de “dialetos”, como destaca Silva Neto [3]. Como já vimos, o latim não foi sempre o mesmo, sofreu evolução, modificou-se paulatinamente. Logo, o latim levado para a Sardenha não era o mesmo latim que, quatro séculos depois, foi levado para a Dácia. O mesmo se poderá dizer em relação ao latim recebido pela Espanha e pela Gália. Nesta perspectiva, o italiano seria, de certo modo, a língua românica mais moderna, e o sardo a mais antiga.

A expansão do vasto Império Romano acarreta, sobretudo, a expansão do latim vulgar, uma variedade considerada a língua do povo, que foi se diversificando nas chamadas línguas românicas, ao passo que o latim clássico, língua das classes cultivadas, tornava-se uma língua restrita à modalidade escrita. À medida que o povo romano foi adquirindo prestígio e enobrecimento, a língua latina também foi adquirindo notoriedade, seguindo, como era de se esperar, a história da civilização. No entanto, pode-se aplicar ao latim o princípio de que nenhuma língua é homogênea, como o revela a designação *latim literário* (culto) e *latim popular* (vulgar), e como bem lembra Silva Neto, “a língua literária é, mais ou menos, estratificação de determinada fase da popular, a qual já existia antes da fixação daquela pela gramática”[4]. No entanto, seria simplificador reduzir a diversificação do latim a uma oposição literário/vulgar, pois como aponta Silva Neto, existem diferentes formas mais ou menos aproximadas em relação ao latim culto.

Se o latim literário é relativamente bem documentado, são mais escassas as fontes do latim vulgar. Willians destaca que o nosso conhecimento sobre o latim vulgar deriva de um processo de reconstrução a partir de fontes, as quais são oriundas de: “a) elementos populares, [...]; b) observações linguísticas do latim clássico em comparação com o latim medieval; c) elementos latinos nas línguas dos povos com os quais os romanos entraram em contato; d) as línguas românicas”[5]. O que se pode afirmar, com maior grau de certeza, é que o *latim vulgar* é resultante de um conglomerado de falares, e sua evolução é facilmente compreensível, haja vista a extensão territorial abrangida no decorrer de algumas gerações e a tentativa de equilíbrio das forças *centrífuga* e *centrípetas*, propostas por Schuchard [6]. Nesse prisma, as línguas românicas são resultante da diferenciação do latim vulgar nas várias regiões, cujas causas, segundo Willians [7], foram provavelmente:

- a) O relativo isolamento geográfico dos grupos entre si; b) o desenvolvimento de unidades políticas separadas; c) a variação cultural e as circunstâncias educacionais; d) o período de romanização; e) as diferenças dialetais na língua dos colonos itálicos; f) os substratos linguísticos originais, e g) os superstratos linguísticos subsequentes.

Ainda de acordo com Williams, uma outra causa possível dessa diferenciação teria sido o incremento do acento de intensidade, resultante do contato com a língua de povos germânicos, que se caracterizavam por um acento de intensidade mais forte. Um dos efeitos desse incremento do acento de intensidade “foi estimular a síncope da vogal postônica da penúltima sílaba, e da vogal de sílaba intertônica entre certos pares de consoantes” [8], ainda no latim Vulgar. Vale ressaltar que essa hipótese não se aplica ao português, considerando que o território onde esta língua se desenvolveu não foi atingido por grandes invasões germânicas, com exceção de grupos suevos, vândalos e visigodos, cujos vestígios linguísticos ficaram restritos a nomes de pessoas e de lugares.

A partir do séc. V d.C., época em que os romanos começaram a sofrer invasão dos bárbaros, Roma deixou de ser o coração do império. Cada província seguiu separadamente sua evolução, inclusive em se tratando da diversificação linguística que culminou nas chamadas línguas românicas. Nas áreas ocupadas pelos romanos, o latim, necessariamente, conviveu durante muitos

séculos com as línguas locais. Sendo assim, o latim que era falado no norte da Gália, evoluiu para o francês, o latim falado na Dácia deu origem ao romeno, já o latim que, outrora, se falava na faixa ocidental da Península Ibérica veio a ser o português. Logo, como podemos notar, as línguas românicas são oriundas de uma miscelânea de línguas, visto que foram inúmeras as raças que originaram a România. Como destaca Silva Neto, “mescla e amálgama de inúmeras raças e inúmeros povos, a România não teve harmonia étnica, pois foi obra de conquista”[9].

### 3. Gênese e expansão do português

A romanização da Península Ibérica inicia-se no século III a. C., período em que os romanos chegaram à Península em razão da 2ª Guerra Púnica. O processo de ocupação da península não foi uniforme, tendo ocorrido em duas fases: a primeira, através da penetração pelo golfo de Valência (Terraconense e Galícia) e a segunda, através do golfo de Cadiz (Bética e Lusitânia), separadas por quase um século. Em função da forma de colonização empreendida nesta segunda fase, processada principalmente pela aristocracia, a região romanizada mais tardiamente apresenta inúmeras características mais arcaizantes.

Na península, além do latim, falavam-se outros idiomas, como o etrusco, o grego, o céltico, o messápico e o ligúrico [10]. Segundo Cunha, “no início da romanização habitava na península uma complexa mistura racial: celtas, iberos, púnico-fenícios, lígures, gregos e outros grupos mal identificados”[11]. Mas os dialetos que se desenvolveram na península, pouco conservaram da língua desses povos.

Outro fator que propiciou a fragmentação linguística na Península foi a invasão dos árabes em 711, como destacam os autores Vazquez Cuesta e Mendes da Luz: “Com la invasión árabe (711) la Península Ibérica adquirirá una nueva fisonomía lingüística” [12]. O movimento de Reconquista, iniciado em 718, deu origem no séc. X ao aparecimento de núcleos cristãos na parte norte e noroeste da península, acarretando, como destaca Bechara, uma divisão linguística que aparentava uma divisão administrativa, “ 1- Condado de Galiza (galego-português); 2- Reino de Leão e das Astúrias (ásturo-leonês); 3- Condado de Castela (castelhano); 4- Reino de Navarra (basco e navarro-aragonês); 5- Reino de Aragão e Condado de Barcelos (Catalão).”[13]

A província Portucalense recebe autonomia em 1095 e em 1139 Afonso Henrique é proclamado o primeiro rei de Portugal. Em 1143, o Condado é reconhecido como reino independente e, já no ano de 1249, apresentava os limites atuais com a conquista do Algarve [14]. O galego-português, falar comum à Galiza e ao território Portucalense (na época, região compreendida entre o Minho e o Mondego), se sobrepôs aos dialetos moçárabes [15]. O galego-português surgiu entre os séculos IX e XII, mas os primeiros documentos datados só apareceram no século XIII e floresceu, principalmente, na poesia lírica. Do ponto de vista linguístico, há divergências com relação às datas mais precisas para a história do português, Bechara, por exemplo, distingue entre português moderno (do séc. XVI até o séc. XVII) e português contemporâneo (a partir do séc. XVIII até os nossos dias). Mas para Silva Neto [16], a formação do português compreende as seguintes fases:

1. *latim lusitânico* (falado na Lusitânia) – vai até o século V;
2. *romança lusitânico* (falado na Lusitânia) – vai do V ao IX século; O português propriamente dito ainda não existe.
3. *português proto-histórico* – vai do IX ao XII século. Nessa época já existe o português como língua falada: mas não se escrevia.
4. *português arcaico* – vai do XII ao XVI século;
5. *português moderno* – vai do século XVI ao XX.

É no período arcaico que o português é oficializado, por Dom Diniz, como língua nacional, utilizada nos documentos administrativos em substituição ao latim. Por volta do séc. XV, inicia-se a epopeia dos descobrimentos e Portugal recebe destaque no ciclo das grandes navegações. Esta expansão geográfica e cultural é acompanhada da expansão do português, possibilitando assim, a

herança de um patrimônio linguístico a Portugal, Brasil, Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe, seja como língua materna ou segunda língua.

A forma de transmissão da língua durante os processos de colonização, situação inerentemente pluriétnica e plurilíngue, define, de certa maneira, seu destino em regiões conquistadas. No caso de “ colônias de exploração” [17], por consequência de interesses puramente comerciais, pode se desenvolver uma língua veicular, um *pidgin* [18], que, no caso de nativização pode dar origem a um crioulo [19]. O processo de colonização do Brasil apresentava todas as condições para uma criouliização do português, para ali transplantado no início do século XVI, ou pelo menos, um período de criouliização. Esta possibilidade é invocada, inclusive, para explicar especificidades do português brasileiro em relação ao português europeu [20]. No entanto, na opinião de Silva Lopes [21], uma hipótese de criouliização seria mais plausível apenas em algumas zonas rurais, principalmente nas plantações e nas minas, em que a proporção de escravos de origem africana superava em muito a de brancos. Contrariando uma hipótese de criouliização, outros autores defendem que as especificidades do português brasileiro se devem ao fato de esta ser uma variedade conservadora, em que persistem traços arcaizantes [22].

Diferentemente, portanto, do que ocorreu em outras regiões com processo de colonização similar, no Brasil, o português se impôs como língua nacional, enriquecido, no entanto, por substratos tanto das línguas indígenas quanto das línguas africanas. Teria contribuído para tal resultado, o fato bem conhecido de que, até o século XVIII, o português enfrentou a concorrência do que ficou conhecido como *língua geral*, uma variedade veicular de base Tupi-guarani, falada ao longo da costa brasileira. Esta língua veicular, que se tornara o recurso dos jesuítas, no seu trabalho de evangelização dos povos autóctones, chegou mesmo a ameaçar a hegemonia do português no vasto território brasileiro, considerando, inclusive, que era o meio de comunicação de que se valiam os bandeirantes para desbravar as terras em direção ao oeste.

Como relata Teyssier [23], diversas medidas administrativas provocam, no entanto, o declínio da língua geral. Entre 1757 e 1758, o uso da língua geral em documentos oficiais fica proibido por decretos do Marquês de Pombal e o português torna-se obrigatório. No curso deste período, já aparecem, como destaca Teyssier, “ les premiers témoignages sur les particularités du portugais parlé au Brésil [...]”. [24]

#### 4. Evolução do sistema de demonstrativos: do latim às línguas românicas

Nesta seção, faremos uma breve retomada da forma como o sistema latino de demonstrativos evoluiu em diferentes línguas românicas, em especial no italiano, no francês e no português. Mostramos que, do latim às línguas romanas, atesta-se um movimento evolutivo da concepção da pessoa e de seu espaço, que visa primeiramente, a reduzir as variedades de espaço possíveis, direcionando as oposições em função da pessoa do discurso. Este foco sobre a pessoa está acompanhado de uma transformação de concepção dinâmica latina de lugar (« onde eu estou» vs. « por onde eu passo» ) dentro de uma concepção estática (pontual vs. extensiva) através da oposição vocálica – i / –a (para o francês, italiano e português).

As múltiplas análises do sistema latino de demonstrativos indicam a existência de um paradigma complexo em que conviviam formas simples e formas reforçadas. As formas simples compunham um sistema ternário (*hic, iste, ille*, flexionáveis em gênero e em número), que funcionavam ou como adjetivos ou como nomes.

Numa interpretação mais tradicional, estas formas demonstrativas situavam espacialmente os referentes em relação à dupla dialogal (o locutor e o interlocutor). A proximidade se referia aos dois pontos limites da dupla dialogal, e o distanciamento sinaliza o que é externo à dupla dialogal na sua globalidade. Assim, de acordo com Saffi [25], a proximidade resulta de uma concepção interna da dupla dialogal: *hic* situa o ponto de partida da ação de comunicação, *iste* situa o ponto de chegada, afetado graças a uma visão prospectiva. O afastamento supõe uma concepção externa da dupla dialogal: *ille*, que por sua vez, visa um limite nunca alcançado e que se afasta continuamente do ponto de partida ao qual a dupla tomou na sua totalidade.

Conforme Cambraia e Bianchet [26], a este sistema ternário se agregava, ainda, a forma *is*, com função fórica (anafórica ou catafórica) e da qual teriam derivado as formas compostas *ipse* (*is* + *ipse* > “o próprio”), e *idem* (*is* + *dem* > “o mesmo”). Vale salientar que esta separação é simplificadora, pois os demonstrativos simples, aparentemente de função dêitica, podiam desempenhar também função anafórica, recuperando referentes já introduzidos no discurso anterior ou no discurso seguinte. Andrade [27] apresenta, além da função dêitica, a [ana]fórica e a enfática. O autor aponta, que tanto na sua função adjetival como nominal, estes pronomes podiam assumir simultaneamente, uma ou mais funções, numa forma de distribuição mais complexa. Desta forma, a função dêitica podia ser assumida pelos pronomes demonstrativos (*hic, haec, hoc – iste, ista, istud – ille, illa, illud*); na função anafórica, entretanto, o par *hic/iste* se neutralizava, cabendo a *hic*, a referência catafórica. Além disto, *ille*, que no latim pós-clássico tinha por vezes valores fóricos como antecedente do relativo, assume o lugar de *is* (pronome fórico por excelência), no latim tardio. A função enfática é determinada pela oposição entre *iste* e *ille*, o primeiro é utilizado com valor negativo e o segundo assume sentido positivo. As neutralizações no sistema ternário *hic-iste-ille* podem ser observadas, portanto, desde o latim, como destaca Andrade [28]. As reestruturações ocorridas no sistema latino de demonstrativos, segundo Cambraia e Bianchet, retomando Vaananen [29], consistiram em:

- (a) *is* desapareceu em função de sua brevidade (formal), tomando inicialmente seu lugar *hic*;
- (b) *hic* também desapareceu em seguida, passando a exercer sua função *iste*;
- (c) *ipse* perdeu seu valor próprio, entrou em concorrência com *iste* e *ille* e, além disso, tomou o lugar de *idem*, ocupando por fim o posto de *iste* (originalmente, vinculado à 2ª pessoa).

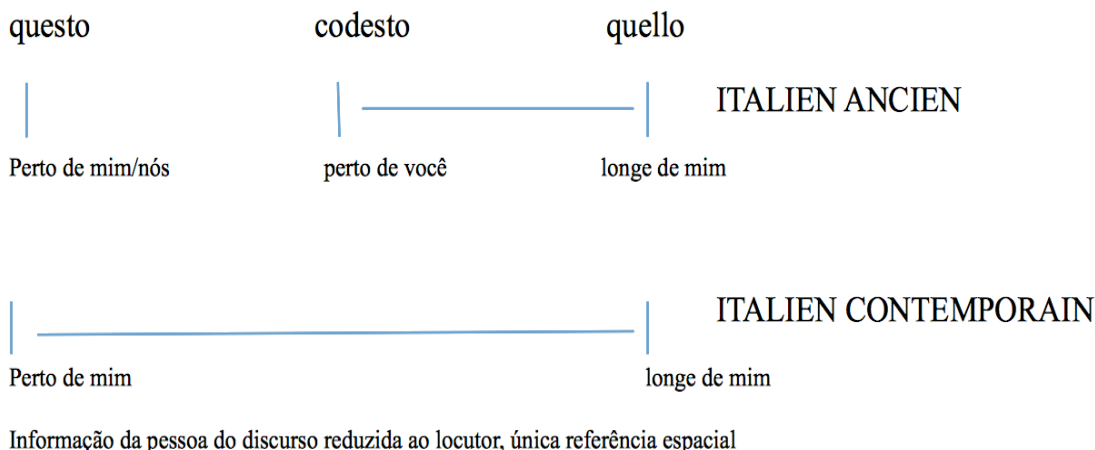
A perda de oposições esquematizada acima é compensada pelo reforço através das partículas *ecce* e *eccum*, como destaca, por exemplo, Saffi:

Les démonstratifs étaient renforcés surtout à l’aide des particules *ecce* et *eccu(m)* ou *accu* (*atque* + *eccum*). Ces particules sont un des traits essentiels de la syntaxe du latin parlé, elles se trouvaient en tête de phrase et servaient soit à attirer l’attention sur une chose présente, soit à indiquer un changement brusque. Elles répondaient aussi à une nécessité de type affective et expressive, comme l’attestent les formes composée *eccille* et *ecciste* qu’utilisait déjà Plaute. Il semble que *ille* était le pronom qui, plus que tout autre, avait besoin d’être renforcé pour conserver son caractère démonstratif, tandis qu’il n’était pas nécessaire de renforcer *iste*, qui avait toujours sa pleine valeur démonstrative. [30]

Para Cambraia e Bianchet [31], a passagem do sistema latino de demonstrativos para as línguas românicas constituiu uma “revolução”, marcada por importantes acontecimentos linguísticos, como: a utilização indistinta de *hic, iste* e *ille*, ou seja, *iste* era usado como *hic*; alguns escritores tardios chegaram a fazer uma certa confusão no uso de *hic* e *is*; combinação, por parte de autores cristãos, de dois demonstrativos (*ipse, iste ipse, ipse ille, ille ipse, iste ille, iste hic, hic ipse*). Algumas destas combinações deixaram rastros em línguas românicas: *id ipsu* > it. *deesso, iste ipsu* > it. *stesso, ipse illu* > fr. arc. *es le, ille ipsu* > reto-rom. arc. *less/esp. arc. eleiso ...*” [32]. Esta revolução resultou em soluções distintas nas diferentes línguas originadas do latim, como mostraremos a seguir.

## 5. Os demonstrativos em Italiano

O italiano antigo preserva, inicialmente, o sistema ternário, tanto na função adjetival como na nominal. No italiano contemporâneo, o sistema ganha outra configuração, evoluindo da tripartição a uma bipartição do espaço, o que faz com que a pessoa do locutor assumo o papel do ponto de referência espacial, representando a dupla dialogal, como na figura abaixo, adaptada de Saffi [33]:



Desta forma, *questo* substitui *hīc* demonstrativo de 1ª pessoa, *quello* retoma *illē* demonstrativo de 3ª pessoa, *cotesto*, *codesto* substituiu por um tempo o demonstrativo de 2ª pessoa antes de desaparecer. Um outro aspecto a destacar é a substituição das formas demonstrativas simples do latim por formas compostas reforçadas, herdadas da aglutinação de *ecce*, segundo Saffi:

La particule *ecce* sous sa forme dérivée *accu* (conjonction *atque* « et même » + *eccu(m)*) vient renforcer les accusatifs *istum* et *illum* pour donner *questo* et *quello*: (*ac*)*cu-istu(m)* > *questo* qui remplace *hic* démonstratif de la première personne, (*ac*)*cu-illu(m)* > *quello* qui reprend *ille* démonstratif de la troisième personne. Pour remplacer le démonstratif de la deuxième personne et retrouver l’opposition entre les trois personnes, on a recours à la combinaison *accu* + le pronom personnel de la deuxième personne *tī* ou *tē* de l’accusatif (ou la forme raccourcie *ti* du datif *tibi*) + *istu(m)* : (*ac*)*cu-t(i)-istu* > *cotesto*, *codesto*. [34]

As formas compostas (mas explicativas que as formas simples) são um forte índice de reformulação da representação da pessoa e de suas referências espaciais. A recomposição italiana, a partir dos demonstrativos latinos, ilustra a prioridade dada à pessoa do locutor, que se torna a referência espacial maior: *iste* que representava o interlocutor é associado à 1ª pessoa (*questo*), para existir a 2ª pessoa, deve estar redundante (*ti* + *iste*), mas ela acaba por desaparecer, e como consequência, o sistema de demonstrativos em italiano contemporâneo torna-se binário e organizado em torno da dupla em diálogo, uma vez que *questo/quello* não representam mais que uma oposição espacial perto/longe, e são muitas vezes reforçados pelos advérbios de lugar (*qui/qua*, *lì/là*), como apresenta Saffi:

Les démonstratifs italiens sont parfois soutenus par des adverbes de lieu. À l’origine, le système italien construit sur le modèle toscan comptait trois couples d’adverbes de lieu issus des adverbes latins : *qui/qua* (< *eccu* + *hic/hac*), *costì/ costà* (< *eccu* + *istic / istac* ) et le couple *lì/ là* qui n’a pas besoin du déictique *eccu* et est issu directement des adverbes latins *illic* et *illac* (*c*). Le couple *costì/ costa* se référant à l’espace de l’interlocuteur a quasiment disparu, il n’est plus usité qu’en Toscane et dans certains registres de la langue écrite. Les adverbes de lieu régulièrement employés sont les quatre formes *qui*, *qua*, *lì* et *là*. [35]

No que se refere às oposições geográficas indicadas no paradigma de advérbios locativos, a variedade italiana do Norte se particulariza pela redução a duas formas (*qui* 86% vs. *là* 14% em Saffi 2010), aproximando-se, assim, do sistema francês com a generalização do espaço próximo do locutor [36].

## 6. Os demonstrativos em francês

No francês antigo coexistiam dois paradigmas de demonstrativos: o de *CIST* (herdado do latim vulgar *ecce iste*) e o de *CIL* (herdado do latim vulgar *ecce ille*). Estas formas podiam ser masculinas ou femininas, pronomes ou determinantes, mas se opunham semanticamente [37]. Por volta do final do século XII, aparece a forma masculina plural *ces*, que, pouco tempo depois,

poderia também ser usada para o feminino plural. No início do século XIII, entra ainda, no sistema, a forma *ce*, masculino singular, usada antes de uma palavra iniciada por consoante, (*ce chevalier* [38]). De acordo com Marchello-Nizia [39], os gramáticos do século XIX associaram a forma *ces* a uma evolução fonética de *cez*, do paradigma *CIST*, como uma simplificação oclusal da constrictiva final [ts], escrita *-z* que por volta de 1200 passou a ser escrita em [s]. A análise de alguns textos mostrou, no entanto, que a utilização de *ces* não correspondia aos valores do paradigma *CIST*, mas sim aos valores de *CIL*. Ainda segundo a autora, só após as explicações de Antonij Dees, baseadas em ocorrências encontradas nos textos, conclui-se que a forma *ces* poderia derivar tanto de *cez* (da série *CIST*), quanto da forma *cels* (da série *CIL*) empregada como determinante de forma proclítica [40].

Do francês antigo (*cist,cil*) ao francês moderno, observa-se o desaparecimento da bipartição a favor da referência ao locutor único [41]. As noções que indicavam proximidade e distanciamento (como em francês antigo) desapareceram e o francês moderno praticamente eliminou a base espacial do sistema de demonstrativos. Somente em condições fonéticas especiais (sandhi), ainda pode ser recuperada a repartição *cet* (adjetivo) e *cel* (pronome). Como destaca V. Sauva [42], o francês moderno utiliza um outro ponto de vista para a repartição *cet* e *cel*: o *cet* se especializa na função de adjetivo e *cil* na função de pronome.

Ainda segundo a autora, a necessidade de garantir a referência operada pelos demonstrativos resulta na utilização das formas reforçadas através das partículas *ci* e *là*, para marcar, respectivamente, proximidade e distanciamento. O emprego dos advérbios de lugar utilizados como reforço dos demonstrativos na representação de espaço no francês, contrasta dois planos: o primeiro inclui o espaço *ici*, ou seja, o espaço do locutor, e o segundo é o espaço do *là*, a perspectiva do não-locutor, como interpreta Rocchetti:

le français pose d'abord le *moi* et le lieu *ici*, puis le *toi* et son lieu *là* : d'où, à côté de *je suis ici*, la possibilité de dire *je suis là*, c'est-à-dire dans ton espace, dans l'espace dont tu occupes un des points, et à côté de *tu es là*, la possibilité de dire *tu es ici*, c'est-à-dire dans mon espace, celui qui m'entoure et dont aussi je n'occupe qu'un des points.[43]

Como se observou para o italiano, as partículas adverbiais de lugar *ci* e *là*, são recrutadas como uma estratégia para recuperar oposições perdidas no sistema de demonstrativos, no caso, a oposição inclusão ou não inclusão no espaço do locutor. No entanto, este recurso não é capaz de restabelecer a dimensão espacial, uma vez que os advérbios locativos *ci* e *là* generalizam a concepção estática de espaço (pontual vs. extensivo). O advérbio *là* de espaço extensivo passa por uma ampliação que lhe permite recobrir todo o campo, de proximidade ao distanciamento (fr. Il est *là!*).

## 7. Os demonstrativos em português

Diferentemente do que foi visto acima para o italiano e o francês, o português herdou do latim um sistema ternário que distingue uma série com valor adjetivo (*este, esse, aquele*) derivada do latim *hic, iste, ille*, flexionável em gênero e número; e uma série com função nominal (isto, isso, aquilo), invariável, *istud* (*d*), *ipsud* (*m*), *illud* (*m*), resumido no quadro abaixo:

PRONOMES DEMONSTRATIVOS		
	Adjetivos	Nome
1ª pessoa	este	isto
2ª pessoa	esse	isso
3ª pessoa	aquele	Aquilo

Quadro 1



De acordo com Galembeck [44], esse sistema de forma simples conviveu, durante o período arcaico da língua, com um sistema de formas reforçadas, resultante da “anteposição da partícula epidítica *ecce* (ou *eccu(m)*), principalmente na sua variante *accu*, possivelmente resultante do cruzamento entre *eccu* e *atque*”, compondo o seguinte paradigma:

Pronomes adjetivos	Pronomes substantivos
1 <sup>a</sup> pessoa: a queste	aquisto
2 <sup>a</sup> pessoa: aquece	aquisso
3 <sup>a</sup> pessoa: aquele	aquilo

No início do século XVI, as formas reforçadas desapareceram do português, dando lugar às formas simples, de acordo com o paradigma tripartite apresentado no quadro 1. Um detalhamento maior sobre o emprego dessas formas é apresentado por Bechara [45]:

1<sup>a</sup> - *Este* (e flexões): indica proximidade à pessoa que fala e/ou ao lugar onde está o locutor, como no exemplo: “Meu bom amigo Dr. José Veríssimo, - escrevo-lhe dissentindo abertamente de sua opinião sobre *este* singularíssimo clima da Amazônia...” [46], em que o demonstrativo *este*, faz referência ao lugar donde se escreve. No seu valor temporal, o demonstrativo *este* denota um período menos extenso, incluindo aqui o momento em que se fala (presente ou corrente), ex: *neste* dia; *este* mês. No que se refere à sua função discursiva, o pronome *este* pode retomar informações já apresentadas no discurso anterior (anáfora) ou informações introduzidas no discurso subsequente (catáfora). Bechara destaca, ainda, que *este* pode ser usado para proceder a uma aproximação figurada ou imaginária com o objeto ou coisa (esfera de interesse do locutor).

2<sup>a</sup> - *Esse* (e flexões): indica um afastamento da pessoa que fala (ex: “quero ver *esse* céu da minha terra tão lindo”) [47], podendo ser usado também para estabelecer um afastamento do locutor em relação a pessoas ou coisas que se encontram próximas (ex: *Essa* terra sem lei). Para designar tempo, pode estabelecer uma ligação ou com o tempo passado ou com o tempo futuro em relação ao falante.

3<sup>a</sup> - *Aquele* (e flexões): denota afastamento tanto do locutor quanto do interlocutor. No que se refere ao tempo, indica uma época distante (vaga ou remota) (“Meu avô mudou-se para cá ainda menino. Naquele tempo, aqui só havia fazendas de café” [48]), e, na sua função textual, indica um estado de coisas anterior a outro.

No português brasileiro contemporâneo, principalmente na modalidade falada, podem ser observadas mudanças deste sistema ternário, já apontadas por exemplo, por Teyssier, Jungbluth, Pavani, Cid, Costa e Oliveira, Castilho, Cambraia e Bianchet, Roncarati, Paiva e Braga [49]. As formas geralmente utilizadas para as primeiras e segundas pessoas (*este*, *esse*) se neutralizam num campo único, recoberto pela forma *esse* em oposição a *aquele*, forma da terceira pessoa, acarretando, em princípio, uma oposição proximal/distal. Para Paiva e Braga [50], a generalização da forma de segundo grau (*esse*) pode ser uma consequência da sua dupla marcação negativa, ou seja [- distância - pessoa] que lhe permite incluir no mesmo espaço físico e discursivo a dupla dialogal.

A redução do sistema a uma oposição binária é acompanhada pela intensificação no uso de formas reforçadas por um advérbio locativo (*esse aqui*, *esse aí*, *aquele ali*). A simetria entre os sistemas de demonstrativos e de advérbios locativos favorece o processo de reforço, como podemos observar no quadro abaixo, adaptado de Teyssier [51]:

	PRONOMES DEMONSTRATIVOS				NOMES	ADVÉRBIOS DE LUGAR	
	ADJETIVOS					SÉRIE em [i]	SÉRIE em [a]
	SINGULAR		PLURAL				
	MASC.	FEM.	MASC.	FEM.			
1ª pessoa	este	esta	estes	estas	isto	aqui	Cá
2ª pessoa	esse	essa	esses	essas	isso	aí	-
3ª pessoa	aquele	aquela	aqueles	aquelas	aquilo	ali	Lá

Como a indistinção entre a primeira e a segunda pessoa do discurso não atinge o sistema de advérbios locativos, a sufixação destes elementos pode ser interpretada como uma estratégia para recuperar a dimensão espacial, indicando a maior ou menor proximidade em relação à dupla dialogal (*esse aqui* e *esse aí*) e restabelece o sistema ternário. Instaura-se, assim, um processo de compensação que envolve não apenas a função dêitica, mas também a função fórica.

Um aspecto a ressaltar é que, como mostram Paiva e Braga [52], os demonstrativos adjetivos reforçados não são completamente cristalizados no PB, pois convivem com a estrutura demonstrativo + nome + locativo (*esse homem aqui*, *aquela mulher ali*), muito mais frequentes. Estes grupos nominais se caracterizam por forte coesão entre os elementos componentes e partilham propriedades sintáticas, semânticas e distribucionais com suas contrapartes não reforçadas.

Tais constatações conduzem Paiva e Braga a afirmarem que a aglutinação de advérbios locativos aos demonstrativos, em português, “é acionada em contextos específicos” e operam no sentido de reforçar “a dimensão locutor, reconceptualizando-a na oposição enunciativa [+esfera do locutor] [-esfera do locutor]”[53].

## 8. Considerações finais

O percurso histórico das línguas românicas permite mostrar que a reestruturação do sistema de demonstrativos não é uma novidade [54], mas, ao contrário, constitui uma tendência que lança suas raízes no latim. Como mostramos ao longo deste artigo, a tendência à redução do sistema de demonstrativos, levando à ampliação de uma forma em detrimento de outra, e o apelo ao processo de reforço através de advérbios locativos, persiste nas línguas românicas, embora com diferenças de grau. Assim, do francês antigo ao francês moderno, observa-se o desaparecimento da bipartição a favor da referência ao locutor único, e a total eliminação da base espacial do sistema de demonstrativos. O sistema italiano, como vimos, evoluiu de uma tripartição a uma bipartição do espaço, com a pessoa do locutor passando a representar a dupla dialogal e assumindo o papel de ponto de referência espacial. Em ambas as línguas, algumas distinções são recuperadas pelo recurso às formas adverbiais locativas e o processo de redução do sistema de demonstrativos atinge o seu grau máximo com a diluição completa da função dêitica dos demonstrativos em favor da dimensão pessoa.

No português brasileiro, diferentemente das outras línguas em que o processo já está concluído, tem-se uma mudança em curso, direcionada para um sistema binário e predominância da dimensão pessoa sobre a dimensão espacial. Pesquisas mais aprofundadas serão necessárias para verificar com maior precisão a extensão do processo nesta língua e as suas motivações discursivas.

## Referências

[1] Na classificação de Meillet esse idioma cindiu-se em dez grupos principais, que são: indo-iraniano, tocariano (recentemente descoberto na Ásia Central), armênio, grego, itálico (latim e osco-umbro), céltico, germânico, balto-eslavo, albanês e hitita. SILVA NETO, *Introdução ao estudo da filologia portuguesa*. 2ed. Revista e ampliada por Evanildo Bechara e Joram Pinto Lima. Rio de Janeiro, Grifo, 1976, p. 18.

[2] SILVA NETO (1976).

[3] SILVA NETO, *Op. Cit.*, p. 41.

- [4] SILVA NETO, *Op. Cit.*, p. 34.
- [5] WILLIAMS E., *Do latim ao português, fonologia e morfologia históricas da língua portuguesa*. Traduzido por Antônio Houaiss, Ministério da Educação e Cultura, Instituto Nacional do Livro, 1961, p. 15.
- [6] SCHUCHARD (1870, *apud* SILVA NETO, 1976), Veja BREVIER, 1928, p. 171 (NETO S., *Op. Cit.*).
- [7] WILLIAMS E., *Op. Cit.*, p. 25.
- [8] *Ibidem*.
- [9] SILVA NETO, *Op. Cit.*, p. 22.
- [10] SILVA NETO, *Op. Cit.*
- [11] CUNHA C., LINDLEY CINTRA L. F., *Nova gramática do português contemporâneo*, 5 ed., Rio de Janeiro: Lexikon, 2008, p. 13.
- [12] VASQUEZ CUESTA P., MENDES DA LUZ M., *Gramática Portuguesa*, Madrid, Biblioteca Romanica Hispanica, Editorial Gredos, 1961, 2e ed., p. 119.
- [13] BECHARA E., *Moderna gramática portuguesa - Edição revista, ampliada e atualizada conforme novo acordo ortográfico*, Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 2009, p. 23.
- [14] ILARI R., *Linguística românica*. São Paulo: Editora Ática, 2004.
- [15] Moçárabe: cristão que vivia nas terras da Península Ibérica ocupadas pelo árabe. (FERREIRA A., *Miniaurélio: o minidicionário da língua portuguesa / Aurélio Buarque de Holanda Ferreira*; coordenação de edição Margarida dos Anjos, Marina Baird Ferreira; equipe de lexicografia Margarida dos Anjos... [et al.]. – 6 ed. Ver. Atualiz. – Curitiba: Positivo, 2004, p. 559.)
- [16] SILVA NETO, *Op. Cit.*, p. 35.
- [17] BECHARA E., *Op. Cit.*, p. 24.
- [18] Pidgin [pidzin] n.m. (prononciation chinoise de l'angl. business). Langue seconde née du contact de langues européennes avec des langues d'Asie ou d'Afrique et permettant l'intercompréhension des communautés. Larousse Maxipoche, Paris, Larousse, 2012.
- [19] “Nas fazendas, o contato é íntimo e decisivo: proporciona a formação do crioulo como instrumento único de comunicação”. SILVA NETO, *Op. Cit.*, p. 247.
- [20] HOLM 1992, LUCHESI 2001.
- [21] SIVA LOPES, *Perda ou aquisição no português brasileiro?* Papia, Brasília, v. único, 2003, p. 150-156.
- [22] CASTILHO A. T., *Os mostrativos no português falado*. In: Ataliba T. de Castilho (org.), *Gramática do português falado*, Campinas, Editora da UNICAMP/FAPESP, 1993, pp. 119-147.
- [23] TEYSSIER P., *Lexikon der Romanistischen Linguistik (LRL)*, [en ligne] Band VI/2, Galegisch, Potugiesisch, 1994, [consulté le 26 juillet 2013], p.7-8. Disponible sur Internet : <http://cvc.instituto-camoes.pt/hlp/biblioteca/lexicon1.pdf>
- [24] TEYSSIER P., *Op. Cit.*, p. 77.
- [25] SAFFI S., *La personne et son espace en italien*, Limoges, Lambert-Lucas, 2010.
- [26] CAMBRAIA C., BIANCHET S., *Caleidoscópio Latino – Românico: Demonstrativos*. Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Patrimônio Cultural e Latinidade, nº 35, 2008.
- [27] ANDRADE A., *Demonstrativos e [ana]fóricos em latim*. Ágora: Estudos Clássicos em Debate, Aveiro, n. 1, p. 155-171, 1999.
- [28] ANDRADE A., *Op. Cit.*, p. 163.
- [29] VAANANEN (1988, *apud* CAMBRAIA & BIANCHET, 2008, p. 20-21). CAMBRAIA C., BIANCHET S., *Op. Cit.*, pp. 20-21.
- [30] SAFFI S., *Op. Cit.*, pp. 29-30.
- [31] CAMBRAIA C., BIANCHET S., *Op. Cit.*, p. 20.
- [32] *Ibidem*
- [33] SAFFI S., *Op. Cit.*, p. 40.
- [34] SAFFI S., *Op. Cit.*, p. 30.
- [35] SAFFI S., *Op. Cit.*, p. 41.
- [36] SAFFI S., *Op. Cit.*
- [37] MARCHELLO-NIZIA C., *L'évolution du français: Ordre des mots, démonstratifs, accent tonique*. Armand Colin Éditeur, Paris, 1995.

- [38] MARCHELLO-NIZIA C., *Op. Cit.*, p. 121.  
[39] MARCHELLO-NIZIA C., *Op. Cit.*  
[40] MARCHELLO-NIZIA C., *Op. Cit.*, p.123.  
[41] SAFFI S., *Op. Cit.*  
[42] SAUVA V., *Étude diachronique et psychosystématique des démonstratifs et de la représentation spatiale en italien et dans les langues romanes*, mémoire de Master 2 « Aire Culturelle Romane », Université de Provence Aix-Marseille I, 2007.  
[43] ROCCHETTI (1982, *apud* SAUVA, 2007, p. 69).  
[44] GALEMBECK P. T., *Os Pronomes Demonstrativos no Português Culto (Falado e Escrito) de São Paulo e do Rio de Janeiro*. Signum: Estud. Ling., Londrina, nº 15/1, p. 151-167, jun. 2012, p. 153-154.  
[45] BECHARA E., *Op. Cit.*  
[46] BECHARA E., *Op. Cit.*, p. 187.  
[47] *Ibidem*  
[48] FERREIRA M., *Aprender e praticar gramática*, FTD, São Paulo, 2011, p. 310.  
[49] CASTILHO 1978; CID, COSTA e OLIVEIRA 1986; PAVANI 1987; JUNGBLUTH 2004; CAMBRAIA E BIANCHET *Op. Cit.*; RONCARATI 2010; PAIVA E BRAGA 2010.  
[50] PAIVA C., BRAGA L., *Gramaticalização de formas dêiticas no português do Brasil*. Diacrítica, v. 24, n.1, 2010.  
[51] TEYSSIER P., *Op. Cit.*, p. 200.  
[52] PAIVA C., BRAGA L., *Op. Cit.*  
[53] PAIVA C., BRAGA L., *Op. Cit.* p. 342.  
[54] “Les démonstratifs sont, dans toutes les langues, des mots expressifs, qui perdent rapidement leur caractère expressif; aussi la langue tend-elle à leur redonner de l’expressivité, en les renforçant constamment” BEAUJEU J., DELEANI S., VERMANDER JEAN-MARIE, *Initiation à la langue latine et à son système*, Paris, Sedes, 2003, p. 165.

#### **Bibliografia complementar**

- AREAL A., *Curso de Português*, Rio Tinto, ASA, 1980.  
BEAUJEU J., DELEANI S., VERMANDER JEAN-MARIE, *Initiation à la langue latine et à son système*, Paris, Sedes, 2003.  
BECHARA E., *Moderna gramática portuguesa* - Edição revista, ampliada e atualizada conforme novo acordo ortográfico, Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 2009.  
CARRAIRA M. H. A., (DIR.), TELETIN A., RNOUT A., *L’idiomaticité dans les langues romanes*, Université Paris 8 Vincennes Saint-Denis, coll. Travaux et Documents, 48, 2010, 506 p.  
CASTILHO A. T., *Análise preliminar dos demonstrativos na norma culta de São Paulo*, Estudos Linguísticos1, 1978, pp. 30-35.  
CID O. et al, *Este e esse na fala culta do Rio de Janeiro*, *Estrudos Linguísticos e Literários*5, 1986, pp. 195-208.  
FERREIRA M., *Aprender e praticar gramática*, FTD, São Paulo, 2011.  
GALEMBECK P. T., *Os Pronomes Demonstrativos no Português Culto (Falado e Escrito) de São Paulo e do Rio de Janeiro*. Signum: Estud. Ling., Londrina, nº 15/1, p. 151-167, jun. 2012, [consulté le 08 octobre 2013]. Disponible sur Internet: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/download/11922/11187>  
GUILLAUME G., *Leçons de Linguistique 1938-1939*, vol. 12, P.U. Lille/ P.U. Laval- Québec, 1992.  
HOLM J., *Popular Brazilian Portuguese: a semi-creole*. In Ernesto d’Andrade and Alain Kihm (eds.), 37-66. Actas do Colóquio sobre “Crioulos de Base Lexical Portuguesa”. Lisbon: Colibri. 1992.  
JUNGBLUTH K., *Os Pronomes Demonstrativos do Português Brasileiro na fala e na escrita*, [en ligne] *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, 7, 2004/05, [consulté le 19 septembre 2013]. Disponible sur Internet : <http://www.red.unb.br/index.php/les/article/download/1261/915>

- LUCCHESI D., *As duas grandes vertentes da história sociolinguística Brasil (1500-2000)*, [em ligne] Delta, vol. 17, n°1, São Paulo, 2001, [consulté le 26 octobre 2013]. Disponible sur Internet: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-44502001000100005&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-44502001000100005&script=sci_arttext)
- MARCHELLO-NIZIA C., *L'évolution du français: Ordre des mots, démonstratifs, accent tonique*. Armand Colin Éditeur, Paris, 1995.
- MATTOS E SILVA R. *Estruturas trecentistas: Elementos para uma gramática do português arcaico*. Imprensa Nacional – Casa da moeda, Estudos Gerais, Série Universitária, Gabinete Editorial da INCM, 1989.
- MEILLET A., *Introduction à l'étude comparative des langues indo-européennes*, préface de Buck George C., University of Alabama Press, Coll. Alabama Linguistic And Philological Series, 1964.
- MEILLET A., VENDRYES J., *Traité de Grammaire comparée des langues classiques*, Paris, Champion, 5<sup>e</sup> édition, 1979.
- MEILLET A., *Linguistique historique et linguistique générale*, Paris / Genève, Champion / Slatkine, Coll. Linguistique, 1982.
- MEYER-LÜBKE W., *Grammaire des langues romanes. I Phonétique, II. Morphologie, III. Syntaxe, IV. Tables générales*, Paris, Welter, 1890-1895-1900-1906.
- MEYER-LÜBKE W., *Grammatica storica della lingua italiana e dei dialetti toscani*, Torino, Loescher, 1955.
- MOIGNET G., *Grammaire de l'ancien français*, Paris, Klincksieck, 1988.
- MOURA NEVES M. H., *Gramática de usos do português*, São Paulo, UNESP, 2000.
- NETO S., *Introdução ao estudo da filologia portuguesa*. 2ed. Revista e ampliada por Evanildo Bechara e Joram Pinto Lima. Rio de Janeiro, Grifo, 1976.
- PAIVA C., BRAGA L., *Gramaticalização de formas dêiticas no português do Brasil*. Diacrítica, v. 24, n.1, pp.324-348, 2010.
- PAVANI S., *Os demonstrativos este, esse, aquele, no português culto falado em São Paulo*, Dissertação de Mestrado, Campinas, UNICAMP, 1987.
- PICOCHÉ J., MARCHELLO-NIZIA C., *Histoire de la langue française*, Paris, Nathan, 1989.
- PITRÈ G., *Grammatica siciliana*, Palermo, Selerio editore, 2008 (1<sup>a</sup> ed. 1979).
- RONCARATI C., *As Cadeias do Texto construindo sentidos*. São Paulo: Parábola editorial, 2010.
- ROCCHETTI A., *Sens et Forme en linguistique italienne : étude de psychosystématique dans la perspective romane*, thèse de Doctorat d'État, Paris III Sorbonne Nouvelle, 1982, note 1, p. 298.
- RONCARATI C., *Os mostrativos na variedade carioca*. In: Maria da Conceição de Paiva e Maria Eugênia L. Duarte, *Mudança lingüística em tempo real*, Rio de Janeiro, Editora Contracapa, pp. 139-158, 2003.
- SAFFI S., *La personne et son espace en italien*, Limoges, Lambert-Lucas, 2010.
- SAFFI S., *Etudes de linguistique italienne. Approches synchronique et diachronique de la psychosystématique de l'italien*, Cluj-Napoca (Roumanie), Presa Universitară Clujeană, 2010.
- SAFFI S., *Présentation comparative latin/italien/français de la conception de la personne et de son espace* in Studia Universitatis Babeș-Bolyai Philologia, Revue de l'Université de Cluj (Roumanie), LVI, n° 2, 2011, pp. 101-121.
- SAID ALI M., *Gramática Secundária da língua portuguesa*, ed rev. E atualizada por E. Bechara, São Paulo, Edições Melhoramentos, 1966.
- SAUVA V., *Étude diachronique et psychosystématique des démonstratifs et de la représentation spatiale en italien et dans les langues romanes*, mémoire de Master 2 « Aire Culturelle Romane », Université de Provence Aix-Marseille I, 2007.
- SILVA M., *O novo acordo ortográfico da língua portuguesa : o que muda, o que não muda*, São Paulo, Contexto, 2009, 2<sup>e</sup> éd.
- TEYSSIER P., *Comprendre les langues romanes Du français à l'espagnol, au portugais, à l'italien & au roumain*, Paris, Editions Chandeigne, 2012.

TEYSSIER P., *Lexikon der Romanistischen Linguistik (LRL)*, [en ligne] Band VI/2, Galegisch, Portugiesisch, 1994, [consulté le 26 juillet 2013]. Disponible sur Internet : <http://cvc.instituto-camoes.pt/hlp/biblioteca/lexicon1.pdf>

TEKAVČIĆ P., *Grammatica storica dell'italiano*, 3 volumes : Fonematica, Morfosintassi, Lessico, Bologna, Il Mulino, 1972.

VALIN R., *Petite introduction à la Psychomécanique du langage*, Québec, Les Presses Universitaires Laval, 1954, 2<sup>e</sup> éd.

WILLIAMS E., *Do latim ao português, fonologia e morfologia históricas da língua portuguesa*. Traduzido por Antônio Houaiss, Ministério da Educação e Cultura, Instituto Nacional do Livro, 1961.